



UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS
CENTRO DE EDUCAÇÃO, HUMANIDADES E SAÚDE DE
TOCANTINÓPOLIS
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

HUGO SOTERO PEREIRA APINAGÉ

**JOGOS E BRINCADEIRAS NA CULTURA CORPORAL DE
MOVIMENTO DAS CRIANÇAS INDÍGENAS APINAJÉ**

Tocantinópolis/TO
2025

HUGO SOTERO PEREIRA APINAGÉ

**JOGOS E BRINCADEIRAS NA CULTURA CORPORAL DE
MOVIMENTO DAS CRIANÇAS INDÍGENAS APINAJÉ**

Artigo avaliado e apresentado à UFNT – Universidade Federal do Norte do Tocantins – Centro de Educação, Humanidades e Saúde de Tocantinópolis, Curso de Licenciatura em Educação Física para obtenção do título de graduação e aprovação em sua forma final pelo (a) Orientador(a) e pela Banca Examinadora.

Orientadora : Profª Drª [Milena Pedro de Moraes](#)

Tocantinópolis/TO
2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Geração de Ficha Catalográfica SGFC-UFNT
Gerado automaticamente mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A642j Apinage, HUGO .

JOGOS E BRINCADEIRAS NA CULTURA CORPORAL DE
MOVIMENTO DAS CRIANÇAS INDÍGENAS APINAJÉ / HUGO
Apinage. - Centro de Educação, Humanidades e Saúde -
CEHS, TO, 2025.

28 f.

Artigo de Graduação (Graduação - em Educação Física
Licenciatura) -- Universidade Federal do Norte do Tocantins,
2025.

Orientadora: Milena Pedro de Moraes.

1. Formação de professores. 2. Jogos e Brincadeiras
Apinage. 3. Cultura Corporal de Movimento .

CDD 613.707

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Hugo Sotero Pereira Apinagé

JOGOS E BRINCADEIRAS NA CULTURA CORPORAL DE MOVIMENTO DAS CRIANÇAS INDÍGENAS APINAJÉ

Artigo avaliado e apresentado à UFNT – Universidade Federal do Norte do Tocantins – Centro de Educação, Humanidades e Saúde de Tocantinópolis, Curso de Licenciatura em Educação Física para obtenção do título de graduação e aprovação em sua forma final pelo (a) Orientador(a) e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 05 / 12 / 2026

Banca Examinadora:



Documento assinado digitalmente

MILENA PEDRO DE MORAIS

Data: 02/02/2026 11:51:33-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof (a). Dr (a). [Milena Pedro de Moraes](#), Universidade Federal do Norte do Tocantins
- UFNT



Documento assinado digitalmente

ADRIANO FILIPE BARRETO GRANGEIRO

Data: 10/02/2026 22:15:31-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profº Drº Adriano Filipe Barreto Grangeiro



Documento assinado digitalmente

ADRIANO LOPES DE SOUZA

Data: 03/02/2026 11:24:37-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profº Drº Adriano Lopes de Souza

Tocantinópolis, 2025

Dedico este trabalho à minha família, que sempre esteve ao meu lado em todos os momentos da minha trajetória.

À minha mãe, que foi uma verdadeira guerreira e me ensinou os valores que carrego comigo até hoje. Sua sabedoria e seu amor me mostraram o caminho certo a seguir. Sinto imensa saudade e eterna gratidão.

Ao meu pai, meu verdadeiro mestre, que sempre acreditou em mim e me incentivou nos estudos, transmitindo ensinamentos que levarei para toda a vida.

À minha esposa, companheira fiel, que esteve comigo em todos os momentos — nas alegrias e nas dificuldades — oferecendo amor, paciência e apoio incondicional.

E, por fim, dedico também às minhas irmãs, irmãos, avós, tios, tias, primos, sobrinhos, sobrinhas e amigos, que de alguma forma contribuíram para que eu chegasse até aqui.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por ter guiado cada passo da minha caminhada, iluminando meu caminho e me concedendo sabedoria e força para superar os desafios desta jornada.

Agradeço aos meus pais, José Eduardo e Eliana, por todo o amor, cuidado e ensinamentos que me tornaram a pessoa que sou hoje. Sem vocês, nada disso seria possível. Amo muito vocês.

Aos meus irmãos Caio Eduardo e Érico, pelo apoio e incentivo constante, e às minhas irmãs Mariane, Ana Clara, Ana Elisa e Meriele, por sempre estarem ao meu lado, compartilhando alegrias, dificuldades e aprendizados.

À minha querida esposa, companheira de todas as horas, agradeço pelo amor, pela paciência e por nunca ter deixado de acreditar em mim. Seu apoio foi fundamental para que eu concluísse esta etapa tão importante da minha vida. Estendo meus agradecimentos à minha família — avós, tios, tias, primos, primas, cunhados e sogra — por todo o carinho, força e apoio durante essa trajetória. Amo todos vocês profundamente.

Agradeço também aos amigos da universidade — Maria Vitória, Vinícius, Edivan Xerente, Cleiton Xerente, Maria Guajajara, Janaína Apinajé, Robson Apinajé, Andreo Apinajé e Eliete Apinajé, Joana Caroline, Isaac Rocha, — e a todos os amigos de fora da universidade, que sempre estiveram presentes com palavras de incentivo, conselhos e amizade sincera.

Agradeço também à minha orientadora,— Prof Dr Milena Pedro de Moraes, pelos conhecimentos compartilhados, apoio, pelo ajuda, pelo conselhos, aprendi muitas coisas com você durante a disciplina, tanto como no TCC.

Por fim, agradeço os professores do meu curso da universidade, pelos ensinamentos, conhecimentos, aprendizados, que eles sempre compartilharam com nós, aprendi muitas coisas com vocês durante a minha carreira acadêmica. A todos vocês, minha eterna gratidão. Vocês fazem parte da minha história e da realização deste sonho.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
DESENVOLVIMENTO	11
Significado dos jogos e brincadeiras na cultura apinajé	11
Cultura dos jogos e brincadeiras no território apinajé (Tocantinópolis, Cachoeirinha, São Bento, Maurilândia e Luzinópolis.	13
Jogos e Brincadeiras Apinajé e a Educação Física Escolar	13
Educação Física Escolar na Escola Indígena	16
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	18
RESULTADOS E DISCUSSÕES	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS	25

Jogos e brincadeiras apinajé: narrativa autobiográfica das experiências pedagógicas e interculturais para a formação de professores em uma perspectiva inclusiva

Hugo Apinajé¹, Milena Pedro de Moraes²

RESUMO:

O presente trabalho tem como objetivo compreender o significado dos jogos e brincadeiras tradicionais do povo Apinajé e sua contribuição para a formação docente em uma perspectiva intercultural e inclusiva. A pesquisa, de natureza qualitativa e descritiva, foi desenvolvida por meio de uma narrativa autobiográfica, baseada nas experiências do autor como professor bilíngue na Escola Indígena 7 de setembro e participante de projetos pedagógicos e culturais. Os resultados demonstram que as práticas corporais tradicionais, como a Corrida de Tora, o Arco e Flecha e as Danças com Maracás, possuem importante função educativa, cultural e identitária. As considerações finais apontam que a valorização desses saberes na Educação Física escolar fortalece a identidade indígena, promove o diálogo entre culturas e contribui para a construção de práticas pedagógicas inclusivas e interculturais.

Palavras-chaves: Jogos Tradicionais. Cultura Apinajé. Educação Física.

Apinajé Games and Plays: An Autobiographical Narrative of Pedagogical and Intercultural Experiences for Teacher Education in an Inclusive Perspective

ABSTRACT:

This study aims to understand the meaning of traditional games and plays of the Apinajé people and their contribution to teacher education from an intercultural and inclusive perspective. The research, qualitative and descriptive in nature, was developed through an autobiographical narrative based on the author's experiences as a bilingual teacher at the Indigenous School Mãtyk and as a participant in pedagogical and cultural projects. The results show that traditional bodily practices, such as the Log Race, Archery, and Maracá Dances, have important educational, cultural, and identity functions. The final considerations indicate that the appreciation of this knowledge in Physical Education strengthens indigenous identity, promotes intercultural dialogue, and contributes to the construction of inclusive and intercultural pedagogical practices.

Keywords: Traditional Games. Apinajé Culture. Physical Education.

INTRODUÇÃO

Sou Hugo Gôhkru, nascido e criado no território indígena Apinajé, na Aldeia São José Krinhinuré, município de Tocantinópolis – TO. Minha infância foi marcada por experiências profundamente significativas, que se tornaram parte essencial da minha formação como pessoa e, hoje, como futuro profissional de Educação Física. Desde cedo, aprendi com meu pai e meu avô os valores, as histórias e as práticas culturais do meu povo, especialmente os jogos e brincadeiras tradicionais. Esses ensinamentos moldaram minha identidade e inspiraram meu interesse em preservar e ensinar a cultura Apinajé.

Durante minha infância, meus pais me ensinaram o significado dos jogos e brincadeiras do nosso povo. No início, eu não compreendia o que realmente eram essas práticas, mas, com o tempo, percebi que elas faziam parte da nossa forma de viver e aprender. Meu pai e meu avô sempre contaram histórias e lendas sobre a origem dos jogos e a importância deles nas festividades da aldeia. Assim, comecei a participar ativamente dessas atividades, como a Corrida de Tora Grande (*Pàrkaper*), as corridas de varinha, as corridas de cem metros (*Hô Hô*), o jogo de peteca, as cantorias e as danças. Cada uma dessas brincadeiras possui um significado especial dentro da nossa cultura: a Corrida de Tora, por exemplo, é uma disputa entre dois partidos — *Wanhme* e *Katam* — que simboliza força, resistência e coletividade.

Essas vivências na infância me proporcionaram aprendizagens fundamentais, transmitidas por meu pai, José Eduardo Apinajé, e por meu avô, Clementino Apinajé. Eles foram meus primeiros mestres na compreensão do valor dos jogos e das brincadeiras como formas de educação, convivência e preservação cultural.

Quando atuei como professor na Educação Infantil, na Aldeia São José, entre os anos de 2021 e 2022, desenvolvi atividades pedagógicas bilíngues, ensinando a língua do povo Apinajé (Panhĩ) e a língua portuguesa. Durante esse período, busquei integrar às aulas práticas de jogos e brincadeiras tradicionais, como a corrida de varinha, o cabo de guerra e a corrida de cem metros (*Hô Hô*), compreendendo que essas práticas corporais são fundamentais para o fortalecimento da identidade cultural e para a valorização dos saberes tradicionais do povo Apinajé. Segundo Reis (2020, p. 20), “estamos num momento em que se faz urgente aprender com os povos indígenas sobre como se relacionar no ambiente,

trazendo ensinamentos do seu modo de vida para o entendimento da sustentabilidade”. Essa perspectiva reforça que o estudo dos jogos e brincadeiras tradicionais indígenas vai além da dimensão lúdica, pois contribui para uma educação intercultural que valoriza a sustentabilidade e o respeito à diversidade cultural.

Essa vivência despertou o interesse em investigar como o ensino dos jogos e brincadeiras da cultura Apinajé pode contribuir para o aprendizado e para a preservação dessa cultura. Assim, a escolha do tema deste estudo — “Jogos e brincadeiras Apinajé” — reflete um interesse pessoal e acadêmico voltado à valorização das práticas culturais indígenas, especialmente aquelas que envolvem o lúdico, como forma de transmissão de conhecimentos, valores e tradições. Segundo Souza (2023, p. 28), compreender as manifestações culturais dos povos indígenas no campo educacional “permite reconhecer o valor dos saberes tradicionais e fortalecer o sentimento de pertencimento às comunidades originárias”.

O objetivo geral desta pesquisa é aprofundar o conhecimento sobre os jogos e brincadeiras na cultura Apinajé, promovendo a difusão desses saberes por meio de práticas educativas voltadas a crianças indígenas e não indígenas. Especificamente, busca-se:

- a) identificar e descrever os principais jogos e brincadeiras do povo Apinajé; b) analisar o significado cultural dessas práticas e sua relação com a formação corporal e social das crianças;
- c) compreender de que forma esses saberes podem ser integrados às aulas de Educação Física nas escolas indígenas; e d) contribuir para a valorização e preservação das tradições culturais do povo Apinajé.

As comunidades Apinajé possuem um rico repertório de atividades culturais e corporais que se manifestam nas festas, nos rituais e no cotidiano das aldeias. No entanto, observa-se que muitas crianças e jovens, diante do avanço das tecnologias e da influência de práticas externas, têm se afastado das brincadeiras tradicionais. Dessa forma, esta pesquisa se torna relevante por propor a retomada e o fortalecimento dessas práticas como forma de resistência cultural, valorização da identidade indígena e promoção da interculturalidade.

Em 2021, realizei o vestibular para a Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) e fui aprovado em segundo lugar no curso de Licenciatura em Educação Física — uma conquista que representou um sonho para mim e para minha família. Durante o início do curso, as aulas eram remotas devido à pandemia, mas, com o retorno presencial, precisei

optar entre o trabalho e os estudos. Escolhi continuar os estudos, ciente da importância da formação acadêmica para contribuir com minha comunidade.

Mais tarde, tive a oportunidade de participar como monitor do Programa de Apoio e Acolhimento à Parentalidade (PAPU), na UFNT, desenvolvendo atividades com crianças indígenas e não indígenas. Essa experiência foi enriquecedora, pois me permitiu compartilhar e ensinar os jogos e brincadeiras do povo Apinajé em um ambiente universitário, mostrando como a ludicidade pode aproximar culturas e promover respeito mútuo.

Durante o curso, também fui convidado pelo professor Bruno para participar de uma oficina cultural no Colégio XV de Novembro, em Tocantinópolis, ao lado dos colegas indígenas Edivan Xerente e Ralison Apinajé. Nessa ocasião, apresentamos cantorias, danças, pinturas corporais e jogos tradicionais do nosso povo, como parte da programação da Semana dos Povos Indígenas. À tarde, realizamos nova apresentação na Escola Santa Terezinha, onde novamente compartilhamos nossas tradições com os alunos não indígenas. Essas experiências reforçaram a importância de divulgar e preservar a cultura indígena por meio da Educação Física e das práticas corporais. Ensinar sobre os jogos e brincadeiras tradicionais é mais do que transmitir técnicas — é compartilhar história, identidade e pertencimento. Acredito que essa trajetória representa um passo importante para minha formação e para o fortalecimento da cultura Apinajé dentro e fora da universidade.

O presente artigo está organizado em quatro seções, além desta introdução. Na primeira, discute-se o significado dos jogos e brincadeiras na cultura Apinajé. A segunda seção aborda a cultura dos jogos e brincadeiras no território Apinajé, compreendendo suas variações e significados. A terceira seção analisa a relação entre os jogos e brincadeiras do povo Apinajé e o ensino da Educação Física escolar. Por fim, apresentam-se as considerações finais, nas quais se sintetizam os resultados e as contribuições da pesquisa.

DESENVOLVIMENTO

Significado dos jogos e brincadeiras na cultura apinajé

Os jogos e as brincadeiras tradicionais ocupam um papel central na formação cultural

e social do povo Apinajé. Essas práticas corporais não são apenas formas de lazer, mas também expressões simbólicas que transmitem valores, saberes e modos de viver, fortalecendo o sentimento de pertencimento comunitário. Por meio delas, as crianças aprendem desde cedo sobre cooperação, respeito, força, equilíbrio e espiritualidade — elementos que compõem a identidade do povo Apinajé e contribuem para a continuidade de seus costumes e tradições.

De geração em geração, os mais velhos compartilham com os mais jovens os conhecimentos sobre brincadeiras e os jogos, que se realizam em diferentes momentos da vida comunitária, como nas festas, nos rituais e nos dias de convivência entre as famílias. Essa transmissão oral e prática garante que as práticas corporais permaneçam vivas, mesmo diante das mudanças trazidas pela modernidade e pelas influências externas.

Segundo Ferreira (2012), “os jogos indígenas têm características específicas. São atividades corporais, com características lúdicas, por onde permeiam os mitos, os valores culturais e que, portanto, congregam em si o mundo material e imaterial de cada etnia.” Essa compreensão reforça que as práticas corporais tradicionais do povo Apinajé também expressam dimensões espirituais e sociais, que ultrapassam o simples ato de brincar, constituindo-se como formas de aprendizagem, de celebração e de pertencimento coletivo.

Conforme explica Reis (2020, p. 21), “os jogos e brincadeiras aconteciam em contato com a natureza, faziam parte da cultura daquele povo, o sujeito tinha uma relação de respeito, cuidado e troca com o meio”. Essa compreensão reforça que as práticas corporais dos povos indígenas, como as do povo Apinajé, não se separam do território nem da espiritualidade, mas se constituem como expressões vivas de uma educação integral e ecológica.

Entre as brincadeiras mais significativas estão a Corrida de Tora Grande (*Pàrkaper*), a Corrida de Varinha, a Corrida de Cem Metros (*Hô Hô*), o Jogo de Peteca, as Cantorias e as Danças. Cada uma dessas atividades possui um sentido próprio dentro da cultura Apinajé. A

Corrida de Tora, por exemplo, é uma competição entre dois grupos — *Wanhme* e *Katam* — que simboliza a força, a coletividade e a resistência física e espiritual. Mais do que uma disputa, ela representa a união entre as aldeias e a celebração da vitalidade do corpo e do espírito.

Dessa forma, os jogos e brincadeiras do povo Apinajé não se limitam ao entretenimento infantil, mas constituem verdadeiros rituais de aprendizagem, por meio dos quais se preservam tradições, se fortalecem vínculos e se consolidam valores coletivos. O

corpo, o movimento e o jogo são, portanto, elementos essenciais para compreender a educação, a identidade e a cultura do povo Apinajé.

Cultura dos jogos e brincadeiras no território apinajé (Tocantinópolis, Cachoeirinha, São Bento, Maurilândia e Luzinópolis.

Portanto as crianças indígenas apinajé já tem seus próprios espaços para testar as suas habilidades motoras e descobrir o significado cultural destes movimentos que se transformam com práticas dos jogos e brincadeiras. Assim, as crianças indígenas apinajé vão conhecendo as habilidades e movimentos, significados, cultura e sentimentos. Porém as mães das crianças indígenas apinajé também vão poder utilizar os remédios, que já faz parte da cultura do povo apinajé, esses remédios caseiros do povo apinajé, eles vão passar de geração para geração porque é a tradição muito importante para o povo apinajé, porque isso também ajuda o amadurecimento do corpo da criança para que ela possa com essa força de habilidade durante o seu movimento e crescimento.

Mais, portanto, cada criança do povo indígenas apinajé vai poder passar por esse processo a partir de seis mês de nascimento, esse processo o mais velho que vai utilizar para que a criança possa andar e conseguir o seu movimento mais rápido. A prática corporal das crianças indígenas e que interagem de acordo com os movimentos que acontecem na aldeia, durante as festas, rituais, luta que acontecem nas aldeias, e também no dia de lazer das crianças indígena.

Jogos e Brincadeiras Apinajé e a Educação Física Escolar

A partir da observação dos jogos e brincadeiras tradicionais dos povos Apinajé, é possível perceber que muitos dos movimentos corporais estudados no curso de Educação Física estão presentes nas vivências cotidianas dessa comunidade indígena. Essas práticas, carregadas de simbolismo, saberes e valores culturais, revelam um vasto repertório corporal que ultrapassa o simples aspecto motor e alcança dimensões sociais, espirituais e educativas. Entretanto, a cultura dominante, de caráter pragmático e urbano, muitas vezes negligencia a relevância dessas manifestações corporais, desconsiderando o potencial pedagógico que possuem para a formação integral dos estudantes e para a valorização da diversidade cultural.

De acordo com Reis (2020, p. 19):

“Na área da Educação Física Escolar, verifica-se uma tendência crescente em incorporar jogos e brincadeiras tradicionais herdadas do processo de colonização portuguesa e espanhola e ainda aquelas veiculadas por meio da mídia esportiva como é o caso do futebol, do rugby, do basquetebol, do voleibol, entre tantas outras criadas e vivenciadas pelos povos ocidentais. O que se percebe é que os jogos e brincadeiras praticadas pelos povos tradicionais, como os povos indígenas, são pouco explorados, na prática, de Educação Física nas escolas e, com isso, estão se perdendo no tempo e espaço.”

A citação de Reis (2020) destaca uma problemática ainda atual: a ausência de reconhecimento e valorização dos jogos indígenas nas práticas escolares de Educação Física. Esse afastamento entre o conteúdo escolar e as manifestações corporais tradicionais contribui para a invisibilização das culturas originárias e para a perda de saberes ancestrais. Assim, incluir os jogos e brincadeiras dos povos Apinajé nas aulas representa não apenas um resgate cultural, mas também uma prática pedagógica que dialoga com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a qual orienta o trabalho docente no sentido de promover a valorização da pluralidade cultural e o respeito às diferenças étnicas e regionais.

Reis (2020, p. 19) observa que “há necessidade de se fazer um levantamento de jogos e brincadeiras praticados pelos ancestrais desses estudantes indígenas para ressignificar a cultura no espaço lúdico no âmbito da prática da Educação Física escolar e para valorizar a diversidade étnica e a sustentabilidade”.

O ensino e a vivência de jogos e brincadeiras Apinajé contribuem para o desenvolvimento integral do aluno, pois estimulam habilidades motoras, cognitivas e socioemocionais, além de promoverem o contato com diferentes formas de expressão corporal. De acordo com Souza e Abrão, a brincadeira Perna de Pau (Kwy Nhikop) é amplamente conhecida e realizada com dois troncos ou galhos de árvore de espessura média, posicionados paralelamente, com bases elevadas à altura escolhida pelos participantes. Essa prática tradicional, além de favorecer o equilíbrio e a coordenação motora, fortalece o espírito comunitário e o respeito aos saberes dos mais velhos, que, segundo os relatos, realizavam essa brincadeira em rituais e celebrações.

O Arco e Flecha (Kuxê Krur) constitui-se em uma atividade que, para além de uma modalidade esportiva, desempenha papel central na preservação da tradição indígena e na conexão espiritual com a natureza. Essa prática ancestral, associada à caça e à defesa, carrega significados simbólicos de resistência e identidade étnica, tornando-se um importante recurso pedagógico para se trabalhar a concentração, a precisão e o autocontrole nas aulas de Educação Física.

A Corrida de Tora (Kwra ho prôt) é outra prática significativa. Nessa corrida, homens e mulheres carregam toras de buriti que podem pesar entre cinquenta e sessenta quilos, divididos em duas equipes — Wamenhmê e Katâm —, que se distinguem pelas pinturas corporais. Além de desenvolver resistência física, cooperação e trabalho em equipe, essa prática reforça o sentido de coletividade e pertencimento, aspectos fundamentais também valorizados pela BNCC no campo das práticas corporais.

A Peteca, cujo nome tem origem na língua tupi e significa “tapear” ou “dar golpes com as mãos”, é amplamente difundida no Brasil e fortemente enraizada na cultura dos povos Apinajé. Ela desempenha um papel importante na transmissão de saberes tradicionais e na valorização das práticas corporais ancestrais. No contexto escolar, a peteca pode ser explorada como instrumento para desenvolver coordenação motora, agilidade, cooperação e socialização entre os alunos.

A Dança com os Maracás (Gotax ho kre) ocupa papel central em momentos rituais e celebrações da cultura Apinajé. Essa manifestação artístico-corporal é uma forma de expressão espiritual e coletiva, que fortalece a identidade e a coesão social do grupo. O maracá, confeccionado a partir de uma cabaça seca e oca, preenchida com sementes ou pedrinhas, é mais do que um instrumento musical: é um símbolo da relação entre corpo, som e espiritualidade indígena, podendo ser explorado pedagogicamente para trabalhar ritmo, expressão corporal e sensibilidade estética.

O pião, confeccionado com uma vareta de bambu fincada em uma semente, é outro exemplo de como a ludicidade permeia o cotidiano Apinajé. Além de estimular a coordenação e a concentração, o jogo promove a socialização e o respeito entre os participantes, que competem de forma saudável para manter o pião girando por mais tempo.

Por fim, a Corrida dos Clãs é uma prova tradicional de revezamento que ocorre em eventos comemorativos, reforçando a união entre as aldeias e a identidade coletiva da etnia. Essa atividade pode ser integrada à Educação Física escolar como exemplo de prática corporal comunitária, conectando o corpo, o território e o pertencimento cultural.

Em síntese, o estudo e a valorização dos jogos e brincadeiras Apinajé na Educação Física Escolar promovem o diálogo entre saberes indígenas e saberes acadêmicos, fortalecendo o princípio da interculturalidade previsto pela BNCC. Dessa forma, a escola se torna espaço de reconhecimento e respeito à diversidade cultural, contribuindo para uma formação humana integral, crítica e plural.

Educação Física Escolar na Escola Indígena

Na comunidade indígena Apinajé existem diversos tipos de jogos, brincadeiras e atividades práticas que fazem parte do cotidiano e da cultura tradicional. Dentro da própria comunidade, essas práticas são momentos de união e de transmissão de saberes entre as gerações, pois os membros da aldeia se reúnem para realizar atividades que incentivam a participação dos jovens, permitindo que experimentem as brincadeiras e vivenciem os valores do povo Apinajé.

Na Educação Física escolar indígena, o povo Apinajé apresenta várias dessas brincadeiras aos alunos da Escola Estadual Indígena Mãtyk, localizada na Aldeia São José, no município de Tocantinópolis – TO. Por meio da cultura, os Apinajé incorporam cantos, danças, jogos e esportes inspirados nos sons e movimentos da natureza, demonstrando que os elementos naturais também compõem as práticas corporais na Educação Física indígena.

Para os povos indígenas, a cultura e o corpo estão profundamente conectados. Dentro das comunidades, os jogos e brincadeiras representam formas de preservar tradições e fortalecer a identidade coletiva. Essas práticas mantêm vivas as histórias e os modos de vida dos povos originários, sendo transmitidas de geração em geração como parte essencial do patrimônio cultural. As práticas corporais, portanto, não são apenas atividades físicas, mas também expressões simbólicas da resistência e da memória indígena.

Nas aldeias Apinajé, as atividades físicas e os jogos fazem parte do dia a dia e estão presentes nas festividades comunitárias. Homens, mulheres, jovens e crianças participam juntos de diversas modalidades, como corridas de cem metros, corridas de tora, corridas de varinha, arco e flecha, danças e outras manifestações corporais. Essas práticas desenvolvem habilidades físicas, fortalecem laços sociais e reafirmam a importância da coletividade dentro da cultura Apinajé.

A resistência do povo Apinajé se manifesta também por meio do corpo e do movimento. Cada prática corporal, dança, canto ou jogo expressa a continuidade da tradição e o vínculo com o território. Os costumes e tradições, transmitidos nas atividades físicas e nas brincadeiras, compõem o próprio movimento de resistência cultural, mostrando que a Educação Física indígena ultrapassa a dimensão biológica do corpo e assume um papel de preservação cultural e fortalecimento identitário.

É importante compreender que o movimento corporal não se limita às práticas esportivas formais. Para o povo Apinajé, o movimento está presente nas atividades cotidianas – na caça, na pesca, na roça, nos rios, nas matas, nas danças e nas festas comunitárias. Assim, as práticas corporais do povo Apinajé se integram naturalmente ao contexto da Educação Física, pois envolvem o corpo em sua totalidade, conectando-o à natureza, ao espírito e à coletividade.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018, p. 213),

“A Educação Física oferece uma série de possibilidades para enriquecer a experiência das crianças, jovens e adultos na Educação Básica, permitindo o acesso a um vasto universo cultural. Essas práticas corporais são aquelas realizadas fora das obrigações laborais, domésticas, higiênicas e religiosas, nas quais os sujeitos se envolvem em função de propósitos específicos, sem caráter instrumental.”

Nesse sentido, a BNCC reforça que a Educação Física deve promover o acesso à diversidade cultural e valorizar práticas corporais de diferentes povos e tradições, o que inclui as manifestações indígenas como os jogos e danças Apinajé. Ao inserir essas práticas no contexto escolar, o professor contribui para o reconhecimento da pluralidade cultural e para o fortalecimento das identidades locais.

Na rotina das comunidades Apinajé, as atividades corporais variam conforme o tempo cotidiano e o tempo livre das pessoas. Contudo, observa-se que, atualmente, muitos jovens têm se afastado dessas práticas tradicionais, devido ao avanço das tecnologias e às mudanças no modo de vida. A falta de exercício físico cotidiano e a substituição das práticas comunitárias por hábitos sedentários têm impactado o bem-estar físico e cultural dos mais jovens, o que reforça a necessidade de resgatar essas tradições no contexto educativo.

Apesar disso, as tecnologias e as mídias digitais têm um papel ambíguo. Por um lado, elas possibilitam a divulgação de algumas atividades realizadas nas aldeias, tornando-as mais visíveis para o público externo; por outro, nem sempre mostram a realidade completa da vida nas comunidades indígenas, deixando de lado as dimensões simbólicas, espirituais e sociais das práticas corporais.

De acordo com Kishimoto (1994, p. 108), “O jogo, enquanto fato social, assume a imagem e o sentido que cada sociedade lhe atribui. É este o aspecto que nos mostra porque o jogo aparece de modos tão diferentes.” Assim, os jogos e brincadeiras dos povos indígenas

não podem ser analisados apenas como entretenimento, mas como expressões culturais que refletem valores, crenças e modos de viver. Nessa mesma perspectiva, Huizinga (2004) ressalta que a brincadeira é uma atividade voluntária, presente na infância, mas também marcada por significados culturais e aprendizados sociais.

Dessa forma, as brincadeiras e jogos do povo Apinajé possuem sentidos próprios, ligados ao território, à espiritualidade e à coletividade. Cada atividade corporal desenvolvida nas aulas de Educação Física indígena ou nas festividades das aldeias representa uma forma de resistência cultural e de afirmação da identidade do povo Apinajé.

No caso específico da comunidade Apinajé localizada em Tocantinópolis – TO, as modalidades praticadas durante as festividades e nas aulas de Educação Física refletem tradições do povo Apinajé Panhĩ. Essas práticas mantêm vivo o elo entre o corpo, a cultura e o território, fortalecendo o sentimento de pertencimento e a continuidade da herança ancestral.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa foi desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa e descritiva, fundamentada nas experiências vividas pelo autor e nas observações realizadas no contexto da comunidade indígena Apinajé. O estudo buscou compreender de que forma os jogos e brincadeiras tradicionais fazem parte da vida cotidiana, das práticas educativas e da formação corporal e cultural do povo Apinajé.

Neste sentido, este estudo caracteriza - se como uma qualitativa que se propõe a estudar o contexto do desenvolvimento dos Jogos e brincadeiras apinajé e das experiências pedagógicas e interculturais para a formação de professores em uma perspectiva inclusiva, caracterizando - se como uma narrativa autobiográfica, ou seja, que parte das reflexões e experiências vivenciadas pela pesquisadora ao observar como as estas impactam neste processo de formação vivenciado. Desta forma, a narrativa autobiográfica nesta pesquisa é utilizada como uma forma de contribuir com a formação de outros professores conforme explicita Cunha (2016).

Como instrumentos de coleta de informação foi utilizado o diário de campo, que é um instrumento de observação e registro das estratégias de ensino que foi utilizado pelo pesquisador (Marconi; Lakatos, 2004) . A análise das informações foi realizada com a técnica da análise de conteúdo explicitada por Bardin (2011). A metodologia adotada também incluiu o relato da experiência pessoal do autor como participante das práticas culturais e educacionais da própria comunidade. Essa vivência permitiu identificar as formas pelas quais as crianças, jovens e adultos participam dos jogos e brincadeiras, revelando os significados simbólicos e os valores transmitidos através dessas práticas.

Durante o processo, houve também uma parceria pedagógica com a professora Lucineide Anhi Apinaje, da Aldeia Abacaxi, Evaldo Apinaje da Aldeia São José que colaboraram em atividades educativas na Escola Indígena 7 de setembro na educação infantil. Nessa parceria, Hugo ensinava as brincadeiras tradicionais Apinajé, enquanto a professora Lucineide Anhi Apinaje e o professor Evaldo Apinaje contribuía com o ensino das danças e cantorias, promovendo um diálogo entre os saberes indígenas e o ensino escolar. Essa experiência serviu como base para refletir sobre a importância da integração entre a escola indígena e a escola não indígena, com respeito às diferenças culturais e valorização dos conhecimentos tradicionais.

A escolha do tema surgiu da necessidade de preservar os jogos e brincadeiras tradicionais, observando que muitos jovens têm se afastado dessas práticas devido à influência das tecnologias e das mudanças culturais. Assim, a metodologia se orientou pela observação, registro e reflexão das experiências vividas pelo autor na comunidade, buscando valorizar o saber indígena e destacar o papel educativo e cultural das práticas corporais do povo Apinajé.

Por fim, os resultados obtidos foram organizados de forma descritiva e interpretativa, relacionando as observações às experiências práticas e ao contexto sociocultural da aldeia. Dessa maneira, a metodologia adotada possibilitou compreender as práticas corporais como formas de resistência, identidade e educação no cotidiano da comunidade Apinajé.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Concluí o Ensino Médio em 2016 e, entre 2021 e 2022, atuei como professor na Educação Infantil, na Escola Indígena da Aldeia São José. Nesse período, ensinava tanto a língua indígena Panhĩ quanto a língua portuguesa, buscando sempre valorizar a cultura local. No início, eu não imaginava que os jogos e brincadeiras poderiam ser trabalhados de forma pedagógica, mas logo percebi que essas práticas fazem parte da Educação Física e podem contribuir para o desenvolvimento motor e cultural das crianças.

Trabalhei em parceria com o professor de Educação Física da aldeia, que ensinava os jogos não indígenas, enquanto eu apresentava as brincadeiras tradicionais do povo Apinajé. Também contei com a colaboração da professora Lucineide Anhi Apinaje, professor Evaldo Pepkrãhõ Apinaje que ensinava as danças e cantorias da nossa cultura. Essa parceria foi uma experiência marcante, pois uniu saberes indígenas e não indígenas em um mesmo espaço educativo, fortalecendo a valorização da diversidade cultural na escola.

A investigação ocorreu na Aldeia São José, pertencente ao território indígena Apinajé, localizada no município de Tocantinópolis – TO, onde está situada a Escola Municipal 7 de Setembro. Nesse espaço, o autor atuou como professor bilíngue nos anos de 2021 e 2022, desenvolvendo atividades pedagógicas que uniam a língua indígena Panhĩ, a língua portuguesa e as práticas corporais tradicionais. Essa vivência possibilitou uma observação direta e participativa, permitindo registrar e refletir sobre as brincadeiras, os movimentos e os significados culturais das práticas corporais do povo Apinajé.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, foram observadas diversas atividades e manifestações corporais que fazem parte da rotina e das festividades da comunidade, como a Corrida de Tora (Kwra ho prõt), o Arco e Flecha (Kuxê Krur), a Perna de Pau (Kwy Nhĩkop), a Dança com os Maracás (Gotax ho kre), a Peteca, o Pião, entre outras. Essas observações foram realizadas no cotidiano das aldeias e nas aulas de Educação Física, permitindo compreender a relação entre corpo, natureza, espiritualidade e cultura.

Desta forma, os resultados desta pesquisa foram organizados em três categorias sendo a primeira categoria relativa às *“Experiências e vivências pedagógicas com o ensino de jogos*

e brincadeiras apinajé no estágio e reflexões sobre o significado destas vivências na formação docente em uma perspectiva inclusiva”, a segunda categoria está relacionada com as “ *Experiências e vivências pedagógicas já acompanhei com o ensino de jogos e brincadeiras apinajé no PAPU”* e a terceira categoria está relacionada com as “*Experiências e vivências pedagógicas eu já acompanhou com o ensino de jogos e brincadeiras apinajé em outros eventos e oficinas relacionadas à formação de professores de Educação Física”*

Experiências e vivências pedagógicas com o ensino de jogos e brincadeiras apinajé no estágio e reflexões sobre o significado destas vivências na formação docente em uma perspectiva inclusiva

Sou hugo Gôhkru, nasci, cresci no território indígena Apinaje, na aldeia são José Krinhinure no município de Tocantinópolis-TO, foi uma vivência muito incrivelmente na minha infância, isso foi aprendizagem muito importante na minha vida, então tudo que meu pai meu avô ensinou, estou praticando e desenvolvendo na prática como o futuro profissional de educação física.

Desde de criança os meus pais ensinavam o que são jogos e brincadeiras na cultura indígena do povo apinajé, pois quando eu era criança, não sabia o que era jogos e brincadeiras, mais através do meu pai, meu avô, sempre contava a história do meu povo onde vivi durante a minha infância, nesse processo eles sempre incentivava sobre essa tradições do povo apinajé, por que essa tradições, culturas, crenças, são faz parte do povo apinajé.

Por tanto, tudo que eles contavam sobre a história as lenda o que acontece dentro da aldeia, comecei a praticar esse jogos que a comunidade praticava nas festividades ou algum o eventos que acontece dentro da aldeia, como por exemplo corrida da tora grande parkaper, comemoração do dia dos povos indígenas, casamento, encerramento de lutas etc. Durante esse processo acontecem vários tipos de brincadeiras, corrida de tora, corrida varinha, corrida de cem metros, jogar peteca, cantoria, danças, entre outras, cada um dos jogos e as brincadeiras tem o seu significados, como por exemplo: corrida de tora ela é uma corrida entre dos partidos, wanhme, katam, para disputar durante a corrida, corrida da flecha, também são uma corrida entre dos partidos wanhme, katam, corrida de cem metros hô Hô são outra corrida entre dos partidos wanhme, katam, jogar peteca são os grupos que vão jogando pela ao redor da aldeia até ao pátio, no casamento que acontecem cantoria, danças etc. Essa experiência durante a minha infância tudo que aprendi com meu pai José Eduardo Apinajé e meu avô Clementino Apinajé sobre jogos e as brincadeiras do meu povo indígena no território apinajé, foi uma aprendizagem muito incrível e importante da minha trajetória.

Durante o estágio na Escola Indígena da Aldeia São José, ensino fundamental 1, tive a oportunidade de resgatar e vivenciar, junto às crianças, uma das brincadeiras tradicionais mais significativas do povo Apinajé: a disputa de varinha. Essa atividade consiste em uma corrida entre dois partidos, simbolizando a força, o equilíbrio e a coletividade. Por meio dessa vivência, as crianças puderam compreender o valor cultural e educativo das práticas corporais tradicionais, fortalecendo o sentimento de pertencimento e respeito à ancestralidade. A Figura 1 ilustra esse momento de interação, em que o brincar se transforma em um importante instrumento de aprendizagem e valorização da identidade indígena.

Figura 1 – Disputa de varinha entre dois partidos na Aldeia São José durante o estágio docente.



Fonte: Acervo pessoal do autor (2024).

Hoje em dia, na vida adulta, consegui concluir o ensino médio em 2016, trabalhei no ano de 2021 para 2022, professor na área da educação infantil na aldeia São José na escola indígena no território Apinajé. Com esse processo na área na educação estava ensinando as crianças na matéria de língua indígena e tanto como no português que a língua não indígena. Por tanto nessa área, não fazia ideia de como trabalhar jogos e brincadeiras na educação infantil, quando descobri que jogos e brincadeiras todos os movimentos que acontecem no dia a dia, faz parte da Educação Física.

Com isso, aprendi como trabalhar jogos e brincadeiras com as crianças na sala de aula junto com professor de Educação Física no trabalho na aldeia São José, foi assim que comecei a gostar o quanto é importante trabalhar esses jogos os movimentos na sala de aula com os alunos dentro da escola.

Durante a minha profissão trabalhei junto com o professor de educação física na aldeia São José, então professor de educação física ensinava os jogos e brincadeira não indígena, eu

ensinava as brincadeira indígena do meu povo apinajé, e a professora lucineide Anhi Apinajé, Evaldo Pepkrahó também trabalhava junto com nós na educação infantil, elas ensinava as danças, cantoria, da cultura apinaje, então essa vivência com as crianças indígenas apinaje foi trajetória incrível já vivi.

Depois fiz o vestibular para universidade federal do norte tocantins em 2021 para 2022, passei em segundo lugar no curso de educação física, foi mais um sonho que realizei, por que como que já estou trabalhando como professor da educação infantil, isso foi uma alegria enorme para minha família, comecei a estudar no mês de março de 2022 trabalhando ao mesmo tempo estudando foi uma experiência único como futuro professor da minha comunidade.

Nessa época a aula era remoto por causa da pandemia, comecei a estudar nas aulas online, no mês de agosto de 2022 começou tudo normal as aulas presenciais daí tive que escolher entre estudo e o trabalho, lógico que estudo é uma coisa importante, então escolhi o estudo e sair do trabalho para mora na cidade fazer o curso.

Experiências e vivências pedagógicas eu já acompanhei com o ensino de jogos e brincadeiras apinajé no PAPU”

A minha experiência como futuro professor na educação na minha própria comunidade apinajé, entrei no programa de apoio do acolhimento da parentalidade Papu, mais uma fase de trabalhar com as crianças dentro da universidade de Tocantinópolis-TO.

A experiência de trabalhar com as crianças indígenas e não indígenas foi uma diferença tão grande, mais foi uma experiência interessante na minha carreira acadêmica, com essa oportunidade mostrei um pouco da minha experiência dos jogos e brincadeiras da minha cultura Apinaje dentro no programa de apoio do acolhimento da parentalidade Papu universidade federal do norte tocantins.

Foi interessante mostrar essa vivência, como é importante poder ensinar sobre jogos e brincadeira das outras culturas para crianças indígenas não indígenas, então essa vivências durante a minha carreira acadêmica é muito relevante para minha trajetória durante o meu curso.

Com certeza essa será uma oportunidade de poder ensinar os jogos e brincadeiras do meu povo indígena apinajé na Universidade Federal do Norte Tocantins, com essa aprendizagem, vai se uma história de vida muito importante durante a minha carreira como futuro profissional de educação física dentro da minha comunidade onde vive. No outro

momento realizei mais oficina no CRAS de Tocantinópolis, que foi uma experiência muito importante também para o aprendizado dos jogos e brincadeiras apinaje.

Experiências e vivências pedagógicas eu já acompanhei no ensino de jogos e brincadeiras apinajé em outros eventos e oficinas relacionadas à formação de professores de Educação Física

A minha experiência como futuro profissional da área da educação física, durante meu curso, foi convidado pelo professor Bruno, para fazer a oficina no Colégio XV de Novembro no município de Tocantinópolis, a oficina sobre a história do Apinajé junto com meu colega Edivan Xerente, e Ralison Apinajé, para apresentar um povo sobre cantoria, danças, jogos e brincadeiras para alunos, isso foi uma experiência incrível nessa apresentação, na semana dos povos indígenas do Brasil, logo em seguida, no mesmo dia na parte da tarde, nós três, eu, Edivan Xerente, e o Ralison Apinajé, agente foram na outra escola, Escola Santa Terezinha do município de Tocantinópolis, para fazer apresentação da semana dos povos indígenas do Brasil, oficina sobre pintura, cantoria, danças, e as atividades sobre jogos e brincadeiras, do meu povo Apinajé, Xerente.

Essa experiência foi um momento marcante de troca cultural e de fortalecimento da identidade indígena, pois possibilitou apresentar aos alunos não indígenas as expressões corporais e musicais do povo Apinajé. Durante as apresentações, a cantoria e a dança representaram não apenas manifestações artísticas, mas também formas de ensinar valores comunitários e espirituais presentes na cultura do povo. Essas práticas, ao serem compartilhadas em espaços escolares, contribuem para a valorização da diversidade e para a construção de uma educação intercultural. A Figura 2 registra um dos momentos dessa vivência durante a Semana dos Povos Indígenas.

Figura 2 – Cantoria e dança apresentadas na Semana dos Povos Indígenas, Colégio XV de Novembro, Tocantinópolis–TO.



Fonte: Acervo pessoal do autor (2025).

Por tanto essa foi uma oportunidade muito importante para fazer essa oficina sobre a cultura indígena para a comunidade não indígena, para que eles possam praticar um pouco da cultura dos povos originários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo compreender o significado dos jogos e brincadeiras tradicionais do povo Apinajé e sua relevância para a formação docente em uma perspectiva intercultural e inclusiva. Por meio da narrativa autobiográfica e da abordagem qualitativa, foi possível evidenciar que essas práticas corporais constituem elementos fundamentais na educação, na transmissão de saberes e na preservação da cultura indígena.

A pesquisa revelou que os jogos e brincadeiras, como a Corrida de Tora, o Arco e Flecha, a Peteca, a Dança com Maracás e a Corrida de Varinha, não representam apenas formas de lazer, mas expressões simbólicas e espirituais que fortalecem a identidade e a coletividade do povo Apinajé. Essas atividades, ensinadas e vivenciadas desde a infância, transmitem valores como cooperação, respeito, resistência e pertencimento, compondo um verdadeiro processo educativo comunitário.

Ao longo da minha trajetória acadêmica e profissional, as experiências vividas como professor na Escola Indígena 7 de setembro Educação Infantil, como monitor indígena no

Programa de Apoio e Acolhimento à Parentalidade (PAPU) e em oficinas culturais em escolas não indígenas mostraram que os jogos e brincadeiras tradicionais podem e devem ser incorporados à Educação Física Escolar. Essa integração possibilita o diálogo entre saberes indígenas e não indígenas, favorecendo uma prática pedagógica que valoriza a diversidade e contribui para a formação de uma sociedade mais justa e plural.

Os resultados apontam que a Educação Física, quando pautada pela interculturalidade, torna-se um espaço privilegiado de resistência cultural, preservação da memória e valorização dos conhecimentos ancestrais. Assim, reconhecer e incluir as práticas corporais indígenas nos currículos escolares é uma forma de garantir o direito à diferença e de fortalecer a identidade dos povos originários.

Por fim, esta pesquisa reafirma que os jogos e brincadeiras do povo Apinajé são patrimônio cultural e educativo de grande relevância. Seu ensino e valorização contribuem para o fortalecimento da identidade indígena, para o respeito à diversidade e para a construção de práticas pedagógicas inclusivas e interculturais. Espera-se que este estudo inspire novas reflexões e ações voltadas à valorização dos saberes tradicionais nas escolas, promovendo uma educação que una corpo, cultura e comunidade.

REFERÊNCIAS

APINAJÉ, Julio Kamer. **Ixpapxà mē ixàhpumunh mē ixujahkrexà: território**. Centro de filosofia e ciências humanas-cfh departamento de sociologia e ciência política graduação em ciências sociais, p. 77, 2022.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011, 229 p.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 14 out. 2025.

FERREIRA, Maria Beatriz Rocha. **A importância dos jogos indígenas**. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, Núcleo de Formação e Intervenção em Jogo, Movimento e Educação (NGIME), 2012. Disponível em: <https://www.ngime.ufjf.br/a-importancia-dos-jogos-indigenas/>. Acesso em: 28 out. 2025

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo e a educação infantil**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

REIS, Patrícia. **Jogos e brincadeiras indígenas como proposta de sustentabilidade e interculturalidade na Educação Física Escolar**. 2020. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Ambientais) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2020.